

Um trabalho entre ruínas

O vice-diretor do Hospital Regional do Gama, Elvis Adriano Oliveira, alega que está "trabalhando entre ruínas".

Segundo ele, o HRG, com 253 médicos, atende a mais de mil pacientes por dia só no pronto-socorro. "Não temos condições para isso", assegura.

Num levantamento feito pelo diretor, as problemas são diversos. A parte física está danificada, com paredes mofadas e com rachaduras, piso estragado e equipamentos obsoletos.

Não há leitos suficientes em nenhuma área. No centro obstétrico, por exemplo, as mães em trabalho de parto ficam em macas no corredor, às vezes no chão e até mesmo duas pacientes são colocadas no mesmo leito.

Só há uma sala de parto pequena, abafada e sem ventilação, com duas camas. "É um absurdo", emendou Oliveira.

Tranquilo — Ele afirmou, ainda, que ontem o hospital estava "vazio e calmo".

"Todos nós do hospital sabemos que a situação aqui é fora da realidade. Se fosse um hospital particular, por muito menos a saúde pública já teria interditado", sentenciou.

"Não há possibilidade de o hospital fechar ou recusar atendimento. Temos que agüentar enquanto o quadro não é revertido", frisou.

Para o diretor do hospital, a culpa pelo estado precário do HRG é do antigo governo, "que promoveu o sucateamento da saúde". O médico acredita que o novo governo vai reverter a situação.

"Mais do que liberar verbas para o HRG ou construir novos hospitais, é preciso um trabalho de base, com saneamento, alimentação e cuidado total com as pessoas de renda mais baixa. E isso tem que vir logo", ensina.